



Minha nega na janela: o samba “tradicional” de Germano Mathias na voz de Gilberto Gil

MODALIDADE: COMUNICAÇÃO

SUBÁREA: Música Popular

Lourenço Silva Telles Matheus

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO – lourenco.matheus@edu.unirio.br

Filipe Silva Rêgo de Sousa

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO – filipe.sousa@edu.unirio.br

Almir Côrtes

Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, UNIRIO – almir.barreto@unirio.br

Resumo: Este artigo propõe analisar o samba “Minha nega na janela”, de Germano Mathias e Doca, no contexto de sua interpretação por Gilberto Gil na Escola Politécnica da USP, em 1973. Ao analisarmos a interpretação de Gil, damos destaque às variações feitas ao violão e a independência rítmica do instrumento em relação ao canto. Na análise da letra, levantamos questões quanto a seu conteúdo discriminatório, comum também em diversos outros sambas da época, e à naturalização desse conteúdo na sociedade de forma geral. Por fim, abordamos como esse tipo de conteúdo é visto de forma diferente nos dias de hoje.

Palavras-chave: Gilberto Gil ao vivo na USP. Germano Mathias. Samba “Minha nega na janela”. Machismo. Racismo.

Title: *Minha nega na janela: Germano Mathias’ “Traditional” Samba Performed by Gilberto Gil*

Abstract: This article proposes an analysis of the samba “Minha nega na janela”, by Germano Mathias and Doca, in the context of Gilberto Gil’s concert at USP’s Polytechnic School in 1973. By analyzing Gil’s performance, we highlight the variations played on the guitar, and its rhythmic independence in relation to the vocals. In the lyric analysis we raise questions as to its discriminatory content, also present in many other samba songs contemporary to that song. Another question raised is the trivialization of the content of these lyrics upon society, generally speaking. At the end, we approach how this kind of content is seen in a different way nowadays.

Keywords: Gilberto Gil live at USP. Germano Mathias. Samba “Minha nega na janela”. Sexism. Racism.

1. Introdução

Em 1973, Gilberto Gil foi chamado por um grupo de estudantes da USP ligados ao movimento estudantil para realizar um show na Escola Politécnica da Universidade e conversar com o público¹. A organização desse show foi uma das iniciativas do movimento para contestar as ações da ditadura militar, que iniciou em 1964 e se intensificou em 1968, com a instauração do AI-5. O sequestro e assassinato de Alexandre Vannuchi Leme, um aluno de geologia da USP e membro da ALN (Ação Libertadora Nacional) (COSTA, 2003, p. 24), foi um fator determinante para que o movimento estudantil buscasse intervenções artísticas

que abordassem a violência que ocorria na época. (*ibidem*, p. 200). Gil aceitou o convite dos alunos e realizou um show de quase três horas. No repertório, composto em parte por sambas, havia “Minha nega na janela”, composição de Germano Mathias e Doca. Apesar de seu conteúdo lírico discriminatório – pelo menos para os ouvidos de hoje –, o samba teve boa aceitação pelo público, até mesmo gerando risadas. Adiante, tentaremos compreender porque essa e muitas outras canções populares compartilham esse conteúdo discriminatório e porque causou tal reação nos estudantes.

2. *Minha nega na janela*, Germano Mathias e Doca, 1956

A canção “Minha nega na janela”, presente no disco *Germano Mathias, o sambista diferente*, de 1957, de autoria do sambista e de Doca (ao contrário do que Gilberto Gil menciona),² é um samba de breque: além de possuir um breque no último verso da canção (“Quem foi que disse que essa nega não cabia?”), sua letra possui um conteúdo “humorístico”, característico do gênero (LOPES; SIMAS, 2015, p. 256). Ainda que atualmente seja considerada controversa ou polêmica por sua letra, na época de seu lançamento era apenas mais uma dentre muitas que apresentavam conteúdo similar, muitas vezes entendidas como letras bem-humoradas ou “sambas jocosos” (DINIZ, 2018, p. 165).

De acordo com a biografia do sambista, escrita por Caio Silveira Ramos (2008, p. 93-96), a canção teria sido composta por Germano Mathias durante seu tempo de serviço no Exército Nacional, onde esteve preso algumas vezes. Ao cumprir uma de suas penas, ele teria ouvido de outro preso a história que inspirou a composição e pensou que deveria fazer um samba “sem poesia, que aquela pancadaria não tinha nenhuma”, ele “precisava fazer um samba surreal”.

Germano Mathias, nascido em 1934 no bairro de Pari, na cidade de São Paulo, já na infância frequentava as rodas de samba dos engraxates da Praça da Sé e outras do Centro da cidade (*ibidem*, p. 78-79). Em 1955, após ter sido expulso do quartel, foi incentivado pelo sambista Doca a participar do concurso “À Procura de Um Astro”, quadro do programa “Caravana da Alegria”, comandado por J. Silvestre, Cláudio Luna e maestro Élcio Álvares. Apresentou seu samba criado no quartel, batucando uma lata de graxa, e foi declarado vencedor, sendo então contratado pela Rádio Tupi (*ibidem*, p.101-104). No ano de 1956 lançou, pelo selo Polydor, seu primeiro disco de 78 rotações, constando de um lado “Minha Pretinha”, de Jair Gonçalves e Edison Borges, e do outro “Minha nega na janela”. O disco vendeu 21 mil cópias (*ibidem*, p.110).

A respeito de Doca, nascido Firmo Jordão, também da cidade de São Paulo, pouco se tem registro sobre sua vida pessoal. No entanto, possui extensa carreira profissional como compositor, ligado ao samba paulista. Segundo Ramos (*ibidem*, p. 101-102), Doca teria pedido parceria a Germano Mathias após ouvi-lo cantar “aquele samba criado na cela do quartel de Quitaúna”.

3. A interpretação de Gilberto Gil em apresentação na USP, em 1973

Em seu show na Escola Politécnica da USP, no ano de 1973, o cantor e compositor baiano Gilberto Gil se apresenta por três horas, apenas acompanhado de seu violão, com um repertório de 25 músicas, intercaladas com histórias e conversas com o público (DINIZ, 2017, p. 170).

Ao interpretar a canção,³ Gil realiza uma rearmonização da gravação original: enquanto na versão de Mathias (1957) a harmonia da seção A se mantém basicamente sobre o acorde de tônica e seu dominante, Gil executa uma cadência I – VIm – IIm – V7, por vezes substituindo o VIm e o IIm por dominantes secundários, como consta no Exemplo 3, nos compassos 29 e 30. Tais substituições são comumente encontradas em sambas desse período (ALMADA, 2009, p. 238).

A introdução da música já aponta algo relevante sobre a forma como Gil trabalha suas músicas. Existe um planejamento, diferente, por exemplo, da música “Senhor Delegado” (Ernani Silva e Antoninho Lopes), que Gil toca de maneira improvisada, mencionando que o samba não estava no programa. Essa introdução que Gil toca ao violão é quase idêntica à que toca no álbum *Cidade do Salvador* (1974). É uma introdução original que diverge completamente da gravação de Germano Mathias.



Exemplo 1: Introdução executada ao violão por Gilberto Gil em “Minha nega na janela”.

Ao apreciar a execução dos sambas apresentados no show, inclusive esse que estamos analisando, percebemos que, após a primeira exposição da música, Gil passa a variar tanto na melodia quanto no acompanhamento, gerando interesse durante as repetições das seções. Seguem trechos transcritos da gravação do show que demonstram um pouco de tais variações.



Exemplo 2: Primeira exposição do verso. Estabelecimento do padrão que será modificado nas próximas iterações.



Exemplo 3: Repetição do primeiro verso com variações rítmico-melódicas.



Exemplo 4: Seção A3 após o primeiro refrão. Utilização de elementos da fala junto com a melodia.

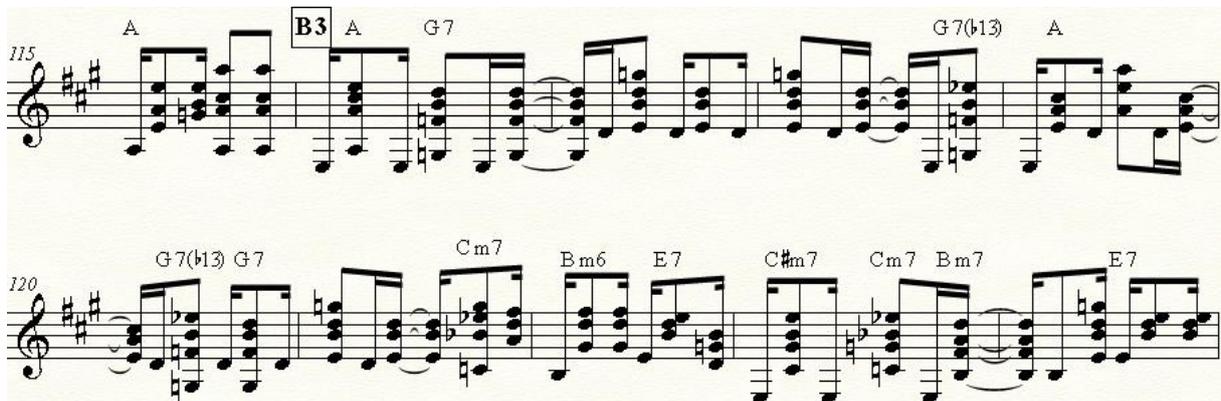
No Exemplo 2, Gil estabelece o padrão que vamos usar como parâmetro para comparar com os outros exemplos. O Exemplo 3 já demonstra pequenas mudanças em que ele atrasa certas sílabas como em “bri-ga” e adianta outras como em “A-in-da”. Uma mudança

mais proeminente se dá na frase “janela do meu barracão”. No Exemplo 2, ele canta a melodia usando, quase que por completo, graus conjuntos. Já no Exemplo 3, na seção A2 da música, ele canta grandes saltos de intervalo trazendo maior dinamicidade para a canção. Finalmente, no Exemplo 4, Gil modifica o verso adicionando texto (e, conseqüentemente, preenchendo as semicolcheias que estavam em pausa nas seções anteriores), como o uso de “mas dessa vez” (c. 59) e a repetição da palavra “estou” (c. 59-60).

Não é apenas na voz que Gilberto Gil demonstra habilidades de transformar um material musical durante o andar de uma música. O violão aqui também é digno de nota. Destacando a parte B como ponto mais evidente dessa elaboração que Gil faz, podemos observar um recurso de que ele se utiliza para deslocar o ritmo da canção.



Exemplo 5: Seção B1, primeiro refrão da música.



Exemplo 6: Seção B3, último refrão da música com uso da hemíola.

Nos Exemplos 5 e 6, Gilberto Gil alterna entre cordas soltas e inversões dos acordes de Lá maior e Sol com sétima (tocados em bloco), porém com uma diferença importante entre as duas seções. Na seção B1, faz grande uso da figura rítmica comumente chamada de “garfinho”, muito comum em vários estilos de samba.⁴ Já na seção B3, ele utiliza a hemíola, quando há um deslocamento completo da levada original, e insiste no uso da figura

de uma semicolcheia funcionando como um baixo, seguida de uma colcheia que ataca com o acorde.

4. “Um samba sem poesia”

A respeito do conteúdo lírico da canção, há diversos trabalhos acadêmicos que o abordam como exemplo de racismo e machismo explícitos,⁵ à época naturalizados em letras de canções como essa.

A análise da música dispensa muitos comentários, pois é literal a violência contra a mulher. Em sua letra, é possível constatar a incitação de três formas de violência: a violência física, a violência moral e a violência psicológica. Essa música é [...] de 1957, o que nos permite a conclusão que músicas que denigrem a mulher são uma infeliz realidade já do passado, [...] é um problema antigo que se perdura no tempo. (DEBONI; TORRES, 2018, p. 66)

O fato de esse samba ter sido um dos grandes sucessos do autor reforça a tese de que ambas as formas de preconceito sejam problemas estruturais da sociedade brasileira, visto que não era algo sequer questionado na metade do século XX. A respeito do racismo:

No Brasil convivem *sim* duas realidades diversas: de um lado, a descoberta de um país profundamente mestiçado em suas crenças e costumes; de outro, o local de um racismo invisível e de uma hierarquia arraigada na intimidade. Afinal, o que dizer de um país onde 50% da população negra tem uma renda inferior a dois salários mínimos? Como entender a democracia racial em uma nação onde só 4% da população negra chega à universidade? (SCHWARCZ, 1998, p. 241-242)

Essas duas realidades apontadas se confirmam quando o próprio biógrafo de Germano Mathias afirma que ele “convivia [...] com negros e era um dos poucos brancos aceitos nas rodas de batucada [...]. Depois que gravou *Minha nega na janela* e se tornou famoso, Germano continuou acolhido pelos negros nas rodas de batucada e tiririca” (RAMOS, *op. cit.*, p. 403). Adiante, o autor ainda cita exemplos de sambas que possuem conteúdo similar, de compositores como Moreira da Silva, Wilson Batista, Monarco, Paulo da Portela, Aaulfo Alves e Nei Lopes (*ibidem*, p. 405-407). A naturalização desse tipo de discurso sempre existiu, independentemente de legislação:

No Brasil, apesar da existência, desde a década de 1950, de leis contra o “preconceito racial”, o combate efetivo ao racismo só entrou nas agendas do poder público por força da atuação das entidades de militância, na década de 1980, quando foram criados, em São Paulo, o Conselho Estadual de Participação e Desenvolvimento da Comunidade Negra, em 1984; e, em escala nacional, a Fundação Cultural Palmares, do Ministério da Cultura, quatro anos depois. [...] Antes disso, o samba e a música popular em geral não tinham compromisso com a correção política [...] (LOPES; SIMAS, 2015, p. 238)

O machismo, outro problema presente no samba de Germano Mathias, e também tido como enraizado na sociedade brasileira, sempre foi parte do repertório popular, conforme definição presente no *Dicionário da história social do samba*:

Comportamento tendente a negar à mulher; prerrogativas tidas como inerentes ao sexo masculino. No ambiente de origem do samba, as relações entre os gêneros reproduziram, quase sempre, comportamentos predominantes na sociedade patriarcal, notadamente o machismo. Sob outro aspecto, algumas observações levam a constatar a existência de um vasto repertório de sambas que traduzem esse fenômeno social; embora as letras, refletindo a época em que foram criadas, não necessariamente expressem a opinião dos autores: muitas vezes são crônicas de fatos observados. (*ibidem*, p. 179)

Como exemplo, temos sambas de autoria de Conde (“Gato com fome”), Ismael Silva e Francisco Alves (“Amor de malandro”), Heitor dos Prazeres (“Mulher de malandro”). O conteúdo também está presente nos repertórios de artistas mais intelectualizados, a saber: Noel Rosa (“Mulher indigesta”), Paulinho da Viola (“Responsabilidade”), a dupla João Bosco e Aldir Blanc (“Gol anulado”), além do eu lírico feminino adotado por Chico Buarque em canções como “Com açúcar, com afeto” e “Sem açúcar”.⁶ Independente da classe social dos autores, no entanto, esses exemplos citados, bem como muitos similares, não devem ser interpretados como um posicionamento do autor, já que “muitas vezes são crônicas de fatos observados” (*ibidem*, p. 179).

A respeito das duas questões apontadas, o machismo ainda “está presente no nosso dia a dia e [...] passa despercebido pela maioria das pessoas, se tornando algo natural” (GARCIA, *et. al.*, *op. cit.*, p. 1-2), logo, ainda se faz presente na música brasileira, mesmo que de forma menos explícita. Para citar um exemplo mais recente e de fora do universo do samba, o grupo de rap paulista Racionais MC’s também possui em seu repertório canções com conteúdo machista, como “Qual mentira vou acreditar”, do álbum *Sobrevivendo no Inferno* (1997), e “Estilo cachorro”, presente no álbum *Nada como um dia após o outro dia* (2002).

Ao interpretar “Minha nega na janela” em seu show na USP, em 1973, Gilberto Gil não apresenta uma crítica direta à letra da canção. Contudo, ele interpreta à sua maneira, inserindo comentários: “Não sou nada violento, mas [dei um murro nela...]” e conclui de forma um tanto irônica: “Isso porque eu não sou nada violento, se eu sou violento a nega vira presunto, definitivamente”. A canção possui um conteúdo que era considerado como humorístico para a época, como se apresentasse uma história engraçada, visto que a situação relatada era praticamente comum à época de sua composição. Isso se reflete na reação do público da USP: ao final da primeira vez em que o samba é executado, pode-se ouvir risadas vindas da plateia, bem como outras esporádicas ao longo da canção.

Considerando o fato de que o show ocorreu em 1973 e os problemas sociais estruturais citados não possuíam o devido entendimento pela maioria da população, pode-se

deduzir seguramente que a maior parte dos estudantes ali presente, senão todos, eram brancos. Tal dedução é corroborada pelos seguintes fatos: a) na década de 1990 cerca de 4% dos estudantes universitários eram negros; b) o histórico da USP com relação ao sistema de inclusão por cotas raciais, foi adotado somente em 2018 (FERREIRA, 2018).

De maneira geral, de acordo com o que já foi exposto ao longo deste artigo, pode-se dizer que, atualmente, não é tão comum encontrar em canções um discurso explícito como aquele presente em “Minha nega na janela”, devido ao risco de se normalizar questões que estão sendo confrontadas. O próprio autor reconhece: “Os crioulos sabiam que a música não era racista e gostavam dela. Mas hoje tem o orgulho negro e associações desse tipo, que podem ver de outro jeito.” (MATHIAS *apud* VIEIRA, 2014). A crônica presente na canção e nos exemplos citados, por mais que retrate a realidade, não apresenta nenhum tipo de reflexão que a impeça de fugir a essa normalização.

Em 2008, Gilberto Gil lançou o álbum *Banda Larga Cordel*, que dentre suas faixas inclui “Gueixa no tatame”. Temos aqui a música de “Minha nega na janela” com uma letra diferente:

O conjunto dessa música, eu tinha feito para o NEGA NA JANELA [...] que é uma música pesada. “Eta nega tu é feia/ Dei um murro nela e joguei ela dentro da pia”. Ela é politicamente incorreta, racista, machista. Todo mundo falava, Flora falava: “Como você, ainda mais agora Ministro, pode cantar uma música tão barra pesada? O retrógrado que está aí...” enfim, eu não me incomodava muito. Ao mesmo tempo achava o arranjo da música tão interessante, não queria abandonar a moldura da música. [...] Aí veio a ideia de Gueixa no Tatame. “Não sou de queixa mas a gueixa me iludiu...” Mantive o esquema de rimas internas. [...] Fiz da Nega na Janela uma base pra Gueixa no Tatame. (GIL, 2008)

É possível que Gil nunca tenha se incomodado muito com a letra da canção de Germano Mathias, por mais que ela seja problemática. Primeiro, porque ele sempre privilegiou a música, já que a sua estrutura e a interpretação do autor sempre lhe agradaram muito – “esse tipo de samba abusado de síncopes [...] é muito presente em seu repertório” (RAMOS, *op. cit.*, p. 409). Segundo, porque as questões presentes na letra viriam a ser explicitadas posteriormente em sua obra: um histórico de valorização da cultura afro-brasileira, como em “Refavela”, “Sará miolo” e “Babá alapalá”, além de uma reflexão acerca do machismo, em “Superhomem, a canção”.

Em 1996, o compositor paulista Itamar Assumpção lançou um álbum de arranjos seus para canções de Ataulfo Alves. Na seleção do álbum temos “Mulata assanhada”, grande sucesso de Ataulfo, na qual, em sua quarta estrofe, o eu lírico sugere a volta da escravidão para que ele “se aposse” da referida mulata. Na versão de Assumpção, essa estrofe não é

cantada, sendo substituída pela letra da segunda, já que ambas se encontram na mesma seção da música (B).

O já citado grupo de rap Racionais MC's, que também possui, ainda que poucas, canções com conteúdo machista, hoje em dia tem outra consciência a respeito dessas canções. Edi Rock, integrante do grupo, afirma: “As músicas antigas estavam naquela época. O Brasil é machista. Ele melhora aos poucos, mas ainda é machista” (ROCK *apud* BORGES, 2019). Adiante, ao revisar a letra de “Estilo cachorro”, conclui:

Ele fala de várias minas que pega, cada dia uma, o que já é machismo por si só. “Segunda, a Patricia. Terça, a Marcela. [...]”. Então isso seria o quê? Corrupção de menor, abuso e pedofilia, tá ligado? Nos dias de hoje eu não falaria isso nunca! (*ibidem*)

5. Considerações finais

A interpretação de Gil da canção de Germano Mathias é bastante notável: há um arranjo previamente elaborado, contendo introdução e rearmonizações. Além disso, são executadas variações no decorrer da canção que realçam a independência entre o violão e a voz do músico. Apesar da letra ser racista e machista, é como se o material musical e as possibilidades interpretativas que o samba propiciava falassem mais alto naquele momento para Gil. Ainda que a canção soe absurda hoje em dia, é importante ter conhecimento desse e de muitos outros casos históricos de naturalização desse tipo de discurso. O fato de o ouvinte do século XXI se chocar facilmente com tal letra, revela que está em curso um processo de reparação desse tipo de conteúdo em canções, corroborado pela atitude dos próprios autores e intérpretes aqui mencionados. A conscientização da sociedade para que se evite essa naturalização influencia diretamente na conscientização também de artistas, que procuram sempre se atualizar e renovar sua arte para que ela possa chegar a novos públicos. Justamente pelo fato de questões seculares como racismo e machismo serem estruturais em nossa sociedade, e não se limitarem apenas ao discurso, elas se tornam difíceis de serem resolvidas e continuam em discussão na obra de muitos nomes da cena artística contemporânea.

Referências

- ALMADA, Carlos. *Harmonia Funcional*. Campinas: Ed. da Unicamp, 2009. 288 p.
- BORGES, Amon. Antes nem éramos música, agora somos cultura, diz Edi Rock, do Racionais MC's. Folha de São Paulo, 2019. Disponível em: bit.ly/326Fnbw Acesso em: 30 mar. 2020.
- CAMILLIS, Tatiana de. *Sensibilidade e Erotismo em poesia: O sujeito-lírico Feminino na voz de homens (afinações e dissonâncias entre as cantigas de amigo do trovadorismo e canções de Chico Buarque)*. Porto Alegre, 2014. 74 p. TCC (Licenciatura em Letras). Universidade

- Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2014. Disponível em: bit.ly/2Ehe6ed Acesso em: 19 ago. 2020.
- CÔRTEZ, Almir. Como se toca o baião: combinações de elementos musicais no repertório de Luiz Gonzaga. *Per Musi*, Belo Horizonte, n.29, p.195-208, 2014. Disponível em: bit.ly/3iZzbJ7 Acesso em: 30 mar. 2020.
- COSTA, Caio Túlio. *Cale-se: a saga de Vannucchi Leme; a USP como aldeia gaulesa; o show proibido de Gilberto Gil*. São Paulo: A Girafa, 2003. 350 p.
- DEBONI, Mirian; TORRES, Lucas. Uma realidade antagônica: a mídia como protetora e influenciadora da violência contra a mulher. *Revista São Luís Orione*, Araguaína, v. 1, n. 13, p. 51-70, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/3hjjNXD> Acesso em: 30 mar. 2020.
- DINIZ, Sheyla. Denúncia política e contracultura: o “show proibido” de Gilberto Gil na Poli/USP (1973). *Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais– UFJF*, Juíz de Fora, v. 13, n. 2, p. 159-174, 2018. Disponível em: <https://bit.ly/34I03PW> Acesso em: 30 mar. 2020.
- DINIZ, Sheyla. *Desbundados e marginais: MPB e contracultura nos “anos de chumbo” (1969-1974)*. 224 f. Tese (Doutorado em Sociologia). Instituto de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2017. Disponível em: bit.ly/32eHx99 Acesso em: 30 mar. 2020.
- ESTILO CACHORRO. Racionais MC’s (Compositor). Racionais MC’s (Intérprete). São Paulo: Cosa Nostra, 2002. CD.
- FERREIRA, Ricardo A. O sistema de cotas étnico-raciais adotado pela USP. *Jornal da USP*, 2018. Disponível em: bit.ly/2YkbWl0 Acesso em: 30 mar. 2020.
- GARCIA, Jéssica *et al.* A influência da música brasileira na naturalização da violência contra a mulher. In: *JORNADA CIENTÍFICA DOS CAMPOS GERAIS*, 15. 2017, Ponta Grossa. *Anais da XV Jornada Científica dos Campos Gerais*. Open Journal Systems, 2017. Disponível em: bit.ly/3aKHxIb Acesso em: 30 mar. 2020.
- Gilberto Gil comenta faixa-a-faixa seu novo álbum. *Vírgula*, 2008. Disponível em: bit.ly/3gdEQJP Acesso em: 30 mar. 2020.
- GUEIXA NO TATAME. Gilberto Gil (Compositor). Gilberto Gil (Intérprete). Rio de Janeiro: Warner Music Brasil, 2008. CD.
- LOPES, Nei; SIMAS, Luiz A. *Dicionário da história social do samba*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2015. 336 p.
- MINHA NEGA NA JANELA. Germano Mathias e Doca (Compositores). Germano Mathias (Intérprete). São Paulo: Polydor, 1957. LP.
- MINHA NEGA NA JANELA. Germano Mathias e Doca (Compositores). Gilberto Gil (Intérprete). São Paulo: Discobertas, 2017. CD. Ao vivo na USP em 1973.
- MULATA ASSANHADA. Ataulfo Alves (Compositor). Ataulfo Alves (Intérprete). São Paulo: Sinter, 1956. 78 RPM.
- MULATA ASSANHADA. Ataulfo Alves (Compositor). Itamar Assumpção (Intérprete). São Paulo: Paradox Music, 1996. CD.
- NAVARRO, Maria José. *O samba paulista e sua relação com a formação da identidade nacional: O samba paulista: do rural as rodas de samba da capital*. São Paulo, 2017. 115f. Dissertação (Mestrado em Educação, Arte e História da Cultura). Universidade Presbiteriana Mackenzie. Disponível em: bit.ly/2QehQzM. Acesso em: 30 mar. 2020.
- RAMOS, Caio S. *Sambexplícito: as vidas desvairadas de Germano Mathias*. São Paulo: A Girafa, 2008. 448 p.
- SCHWARCZ, Lilia M. Nem preto nem branco, muito pelo contrário: cor e raça na intimidade. In: SCHWARCZ, Lilia M. (Org.). *História da vida privada no Brasil (vol. 4)*. São Paulo: Companhia das Letras, 2003. Capítulo 3, p. 174-244.
- VIEIRA, Renato. Germano Mathias chega aos 80 com a ginga intacta. *O Estado de São Paulo*, 2014. Disponível em: bit.ly/2Q94apV. Acesso em: 30 mar. 2020.

Notas

¹ Este artigo é uma das produções derivadas do projeto de pesquisa: “Gilberto Gil ao vivo na USP, 1973: voz e violão em contexto” – projeto cadastrado no Portal da Pesquisa da UNIRIO e coordenado pelo Prof. Dr. Almir Côrtes.

²No já mencionado show na Escola Politécnica da USP, Gil atribui erroneamente a autoria do samba em questão a Caco Velho. No entanto, ele não teve participação na canção, esta é creditada à dupla Germano Mathias/Doca.

³ A gravação está disponível em [youtube.com/watch?v=ln-HmjOVluE](https://www.youtube.com/watch?v=ln-HmjOVluE).

⁴ “Garfinho” refere-se à figura rítmica semicolcheia-colcheia-semicolcheia, muito comum em diversos gêneros de música popular (CÔRTEZ, 2014, p. 200).

⁵Além da citação presente no texto, a letra da canção foi abordada, por exemplo, em: GARCIA, *et al.*, 2017 e NAVARRO, 2017.

⁶“Enquanto o verso ‘*ainda quis me aborrecer*’ de *Com açúcar, com afeto* disfarça uma ameaça de violência física dele contra ela como resultado de muitos ‘copos’, em *Sem Açúcar* a temática da mulher que apanha do marido/companheiro embriagado (*a cerveja dele é sagrada*) se descortina.” (CAMILLIS, 2014, p. 23). Interessante notar que a canção “Sem açúcar”, bem como “Gol anulado”, de João Bosco e Aldir Blanc, se assemelha à de Germano Mathias pelo fato de relatarem algo de forma explícita.